

Artigo temático

Semear futuros

Design em ruínas: a poética ruderal da quebra-pedra

 **Daniel Gevehr Keller**
danielgkeller@gmail.com

Universidade Feevale, Novo Hamburgo (RS), Brasil em regime de cotutela com a Universidad Jorge Tadeo Lozano, Bogotá, Colômbia

 **Claudia Schemes**
claudia@feevale.br

Universidade Feevale, Novo Hamburgo (RS), Brasil

 **Alfredo Gutiérrez Borrero**

alfredo.gutierrez@utadeo.edu.co

Universidad Jorge Tadeo Lozano, Bogotá, Colômbia

Resumo: O artigo investiga como a *Euphorbia thymifolia*, conhecida como quebra-pedra, atua como agente de recomposição ecológica e epistemológica nas ruínas do design, mais especificamente da antiga indústria calçadista de Novo Hamburgo (RS) no bairro histórico de Hamburgo Velho. A pesquisa parte da crítica à monocultura do design e adota a fissura como possibilidade para observar a ruderalidade em contextos pós-industriais. Por meio de caminhadas e registros fotográficos, o estudo propõe compreender a planta como coautora de poéticas e mediadora de práticas situadas. A investigação propõe relacionalidade a partir do pensamento multiespécie, que se define pela escuta, pela correspondência e pela resposta às forças não humanas.

Palavras-chave: design, poética ruderal, *euphorbia thymifolia*, Hamburgo Velho, multiespécie.

Design in Ruins: the ruderal poetics of quebra-pedra

Abstract: This article investigates how *Euphorbia thymifolia*, known as quebra-pedra, can be understood as an agent of ecological and epistemological recomposition in the ruins of design, more specifically in the former footwear industry of Novo Hamburgo (RS), with a focus on the historic district of Hamburgo Velho. The study departs from a critique of the monoculture of design and adopts the fissure as a way of observing ruderality in post-industrial contexts. Through walks and photographic records, it proposes to understand the plant as a co-author of ruderal poetics and as a mediator of situated practices. Grounded in multispecies thought, the article advances a relational perspective based on listening, correspondence, and responsiveness to nonhuman forces.

Keywords: design, ruderal poetics, *euphorbia thymifolia*, Hamburgo Velho, multispecies.

1. Introdução

O artigo investiga como a *Euphorbia thymifolia*, conhecida como quebra-pedra, pode ser compreendida como agente de recomposição ecológica e epistemológica nas ruínas da antiga indústria calçadista de Novo Hamburgo (RS), com foco no bairro histórico de Hamburgo Velho. A pesquisa parte da crítica à monocultura do design e toma a presença ruderal da planta em paisagens pós-industriais como questão central de análise, situando-a como figura epistêmica e coautora de pensamentos para além dos projetuais.

O objetivo do estudo é examinar de que modo a *Euphorbia thymifolia* tensiona o conceito de design ao emergir nas fissuras de um território marcado pelo esgotamento industrial. Para isso, o artigo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em caminhadas, observação situada e registros fotográficos, propondo uma leitura da ruderalidade como chave crítica para pensar recomposição, relacionalidade e coexistência multiespécie nas ruínas.

O trabalho busca atender este objetivo propondo um equialtervalente ao design (Gutiérrez Borrero, 2022), entendida aqui como uma forma de reconhecer práticas relacionais e criativas que desempenham funções análogas ao design sem se reduzir às categorias modernas ocidentais que historicamente definiram o campo. A proposição foi desenvolvida a partir de uma investigação-criação (Londoño; Alzate, 2023; Londoño; Gutiérrez Borrero, 2023).

A investigação-criação pode ser compreendida como uma abordagem metodológica em que conhecer e criar não se separam. Em vez de tomar o campo apenas como fonte de dados a serem posteriormente interpretados, a investigação se realiza por meio de práticas de atenção, registro, deslocamento e composição sensível que produzem conhecimento ao mesmo tempo em que elaboram imagens, escritas e formas de relação com a paisagem. No caso desta pesquisa, caminhadas, fotografias, anotações e microfilmes são procedimentos criativos de pensamento que permitem acompanhar a *Euphorbia thymifolia* nas ruínas pós-industriais de Hamburgo Velho¹

¹ Com base no trabalho de campo, foi desenvolvido um curta-metragem. Pesquisa de Daniel Keller e de Daniel Néres, com edição e montagem de Daniel Néres. Disponível em: <https://youtu.be/IT4GixwACi8>

Com relação aos objetivos específicos, o artigo analisa o colapso da indústria calçadista local como expressão de uma monocultura do design, examinar a presença ruderal da *Euphorbia thymifolia* como poéticas da paisagem em ruínas e refletir sobre a ruderalidade como crítica ao controle do design.

A ruína possui diferentes abordagens que ressaltam a relação entre homem e natureza. Tsing (2019) entende as ruínas como vestígios e consequências das atividades humanas que resultaram em destruição ambiental, social e ecológica, causadas pela industrialização, modernização, imperialismo e práticas capitalistas. Para a autora (Tsing, 2019) elas simbolizam os impactos negativos, como devastação de ecossistemas, extinção de espécies, poluição e mudanças climáticas, além de representarem um estado global de precariedade. Apesar de serem vistas como locais de morte e devastação, as ruínas também são espaços de transformação e ressurgimento, onde novas formas de vida multiespécies e multiculturais podem emergir, oferecendo possibilidades de regeneração e adaptação da natureza e das comunidades humanas e não humanas.

Em Simmel (1998), a ruína é a figura emblemática da modernidade, na qual se evidencia a tensão entre a vontade humana de forma e a retomada da natureza. Sua reflexão emerge num contexto de intensificação da vida urbana e de interrogação sobre as condições de possibilidade da sociedade moderna, de modo que a ruína também pode ser associada a uma sensibilidade melancólica diante da precariedade dos modos de fazer humanos. Entre maio de 1924 e abril de 1925, Benjamin (2013) associa as ruínas a fragmentos de alta significação, que, mesmo não formando mais parte de um todo, preservam algo de valor e podem conformar uma nova totalidade.

Tomada a partir dessas inflexões, a ruína desloca o design de sua vocação estritamente ordenadora e o reinscreve em um campo mais ampliado de práticas relacionais. Entre a precariedade, a tensão melancólica entre forma e natureza e a potência fragmentária, a ruína faz emergir outras possibilidades para o design: menos comprometidas com a permanência, o controle projetual e a integridade formal, e mais atentas às recomposições, às sobrevivências e aos sentidos que insistem em brotar onde um mundo aparentemente se desfez. Como um campo de possibilidades ao design, a ruína pós-industrial é um palimpsesto do pensamento moderno, que, para além de projetos de futuro, poetiza outras

relações com o tempo, de modo a operar mais em impactos do que em resultados.

O campo foi realizado ao longo de 2025, em 10 caminhadas pelo bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo (RS), tomando como recorte espacial áreas em que as marcas da antiga industrialização coureiro-calçadista permanecem visíveis em fachadas, muros, calçadas, terrenos baldios e edifícios desativados. Os registros concentraram-se em situações nas quais a *Euphorbia thymifolia* aparecia, especialmente quando sua presença evidenciava relações entre ruína, recomposição ecológica e ressurgência vegetal. O corpus foi formado por 57 fotografias e microfilmes, além de anotações produzidas durante as caminhadas. A análise ocorreu de modo interpretativo, a partir da leitura conjunta entre imagens e diário de campo, buscando identificar recorrências, arranjos vegetais e modos de aparição da planta capazes de tensionar a paisagem pós-industrial e de sustentar a ruderalidade como chave crítica de leitura.

Tsing (2019, p. 17) redefiniu o conceito de paisagem como “um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado”. O bairro histórico de Hamburgo Velho, portanto, se apresenta como paisagem, resultado da sobreposição entre o esgotamento da monocultura e as manifestações de ressurgência vegetal.

Novo Hamburgo, cidade forjada pela monocultura do couro e do calçado, carrega marcas de um modelo industrial que moldou tanto a paisagem quanto os modos de vida. À medida que a força desta indústria se fragmenta, o que resta são ruínas produtivas, espaços de abandono, vazios urbanos e superfícies deterioradas. Para além do vestígio, prédios, fotos, documentos são fontes arqueológicas primárias, mas também fissuras epistêmicas que, em (re)existência, escapam do controle.

Sobreviver e regenerar na perturbação estaria, na perspectiva desta pesquisa, para além de uma inteligência. Atualmente, (re)existir nas ruínas demonstra muito mais uma condição dos seres contemporâneos, do que uma manifestação de capacidade. Assumimos, portanto, a ruderalidade como forma mais coerente para descrever estas poéticas vegetais. Em sentido botânico, a ruderalidade designa a capacidade de certas espécies vegetais de habitar ambientes perturbados, respondendo à instabilidade com rapidez adaptativa, dispersão e resistência. No contexto desta pesquisa, a ruderalidade extrapola sua acepção ecológica e passa a nomear uma condição mais ampla de emergência nas ruínas: um modo de

existência que se firma em contextos de colapso, abandono e fissura, revelando formas de recomposição que escapam às lógicas modernas de controle, centralidade e previsão.

Figura 1 *Euphorbia thymifolia*



Fonte Wikispecies (s.d.).

A *Euphorbia thymifolia* pertence à família *Euphorbiaceae*, um grupo diverso que compreende cerca de 300 gêneros e mais de 6000 espécies com ampla distribuição em diferentes habitats. Esta planta é comumente classificada como uma erva daninha ruderal, prevalente em áreas tropicais e subtropicais, destacando-se pela capacidade invasiva em locais perturbados, como terrenos baldios e frestas urbanas (Marques da Silva, 2014). A sobrevivência do vegetal deve-se a sua elevada tolerância a condições adversas, como solos empobrecidos e compactados, além da habilidade de germinar em diferentes tipos de substrato, desde solos ricos em cálcio até ambientes áridos (Sátiro et al., 2008). Seu ciclo de vida contínuo e rápida reprodução contribuem para a sua proliferação em áreas urbanas. A estrutura morfológica da *E. thymifolia*, com caule dicotômico e crescimento rasteiro, permite sua fixação eficiente em pequenas fendas e frestas. As raízes fibrosas são capazes de explorar rapidamente pequenos substratos, garantindo estabilidade e expansão da planta mesmo em espaços restritos (Maroja et al., 2018).

Figura 2 *E. Thymifolia* com sementes

Fonte Ross (2013)

No ecossistema, a dispersão de suas sementes ocorre principalmente por mecanismos autochoricos (como uma pequena explosão que arremessa a semente), com ações secundárias do vento e em colaboração com animais como formigas e aves (Maroja et al., 2018). Essas interações fortalecem sua presença e conservação em diferentes ambientes. Como planta pioneira em ambientes perturbados, *E. thymifolia* contribui para a recuperação de solos degradados, protegendo contra erosão e promovendo o desenvolvimento de microhabitats para outros organismos. Suas propriedades tóxicas a herbívoros auxiliam na manutenção do equilíbrio biológico local (Mali; Panchal, 2013). Tradicionalmente, a *E. thymifolia* é empregada na medicina popular para tratamento de doenças gastrointestinais, como diarreia e infecções parasitárias, além de apresentar propriedades antidiabéticas, anti-inflamatórias e antimicrobianas comprovadas em estudos farmacológicos (Mali; Panchal, 2013).

A pesquisa foi conduzida por meio de caminhadas pelo bairro Hamburgo Velho, orientadas pela observação situada de superfícies degradadas, fissuras, frestas e outras marcas materiais da antiga ocupação industrial. O procedimento buscou acompanhar, no próprio percurso, as formas de emergência da *Euphorbia thymifolia* em associação com ruínas

urbanas, tomando o caminhar não apenas como deslocamento, mas como prática metodológica de atenção ao território.

Nesse contexto, a correspondência, em diálogo com Ingold (2017), é compreendida como o princípio relacional que orienta a pesquisa. Assim, a investigação tratou de acompanhar processos de transformação entre corpo, paisagem e materialidade arruinada, reconhecendo que o campo afeta o pesquisador ao mesmo tempo em que é por ele percorrido, descrito e interpretado.

As fotografias, anotações e pequenos registros audiovisuais produzidos durante as caminhadas funcionam, assim, como dispositivos de atenção e elaboração analítica. Esses materiais operam como meios de tornar visíveis recorrências, formas de crescimento e relações entre a planta e as infraestruturas degradadas do bairro.

A partir desse procedimento, a pesquisa passou a se concentrar na seguinte questão: de que modo a presença ruderal da *Euphorbia thymifolia* nas ruínas pós-industriais permite tensionar concepções modernas e centralizadoras do design? A análise foi construída pela leitura conjunta entre percurso, imagem e anotação de campo, buscando compreender como essas emergências vegetais configuram modos de recomposição ecológica, poética e crítica da paisagem.

Ingold (2017) convida a praticar a correspondência a partir do caminhar, não apenas como ação mecânica, mas um processo reflexivo, de dupla transformação. Correspondência carece de hábito (Ingold, 2016), ou seja, transformar-se internamente enquanto se vive e age. O caminhar se torna gesto de notação, onde observar é traçar relações e permitir que os elementos que compõem a paisagem se relacionem. A cada passo, o corpo do pesquisador/designer é meio de contato entre vidas humanas e não humanas. Em um agenciamento (Ingold, 2017), o pesquisador/designer afeta a paisagem e a paisagem afeta o pesquisador/designer, constituindo-os como elementos distintos e singulares enquanto agentes do mesmo campo e ao mesmo tempo. A foto, anotações e os pequenos vídeos construídos ao longo da caminhada são práticas poéticas de atenção (Ingold, 2017), que envolvem ressonância e responsividade. Para além de uma interação, transacional e delimitada, “a correspondência é longitudinal e multilinear” [tradução nossa] (Ingold, 2017, p. 18)

Por fim, a *E. thymifolia* é co-agente de pensamento que conduz a investigação por caminhos não previstos. Ao crescer em espaços esquecidos, ela revela dinâmicas de adaptação e convivência que inspiram

novas epistemologias para além dos projetos e atua em práticas de convivência, onde humanos e não humanos compartilham a tarefa de imaginar e se corresponder.

2. A monocultura de um design e suas ruínas

Em Novo Hamburgo, o design do calçado consolidou-se como uma forma de monocultura produtiva. O modelo industrial que transformou a região em referência nacional e internacional para a produção de couro e calçados também moldou seus modos de pensar, projetar e habitar. Durante décadas, o desenho técnico das formas e dos fluxos foi orientado por um ideal de eficiência, repetição e rendimento. As fábricas multiplicaram-se ao redor do centro urbano e a cidade se organizou em função do tempo e dos fluxos da indústria.

Figura 3 Mapa parcial da cidade de Novo Hamburgo e bairro Hamburgo Velho



Fonte História NH (2025a)

Antes da colonização, as terras onde hoje se estende Novo Hamburgo eram habitadas por povos Charrua e Minuano. Eles eram grupos caçadores e coletores que conheciam profundamente os ritmos e as paisagens do vale do Rio dos Sinos. A chegada dos imigrantes alemães, a partir de 1824, transformou radicalmente a paisagem. No sopé do morro que os colonos chamaram de *Hamburger Berg*, o Morro dos Hamburgueses, nasceu o núcleo

que mais tarde se chamaria Hamburgo Velho, o embrião de uma cidade que se ergueria sobre o trabalho artesanal, o comércio e, por fim, a indústria.

A localização era estratégica: as estradas conectavam o pequeno povoado a Porto Alegre e o fluxo constante de mercadorias e pessoas impulsionava a economia local. Em 1876, com a construção da estrada de ferro (linha tracejada que aparece no mapa da figura 3), o eixo de crescimento deslocou-se, dando origem a um novo núcleo, *New Hamburg*, que rapidamente ultrapassou o original em dinamismo. Hamburgo Velho permaneceu como vestígio da colônia inicial e patrimônio urbano; onde ainda se pode reconhecer as casas enxaimel, os galpões de ofícios e o traço comunitário da imigração (Schemes, 2022).

Considera-se que a virada industrial veio com Pedro Adams Filho, que no final do século XIX protagonizou a transformação da produção artesanal de calçados em uma indústria moderna (Schemes, 2022).

Figura 4 Cartaz de divulgação Sul-Riograndense



Fonte História NH (2025b)

Acompanhado posteriormente de outros empresários, Pedro Adams foi pioneiro de um movimento de verticalização produtiva na região e no segmento calçadista. Em 1898, fundou a Sul-Riograndense, considerada a

primeira fábrica de calçados nos moldes industriais do Brasil moderno. Adams introduziu maquinário importado, racionalizou o trabalho e buscou dominar a produção do início ao fim, criando um curtume próprio e expandindo a fabricação para calçados masculinos, femininos e infantis (Schemes, 2022). Nesta fase, Novo Hamburgo consolidou-se como o principal pólo coureiro-calçadista do país, símbolo da modernização e da ascensão econômica do sul do Brasil.

No pensamento da época, dominar a cadeia produtiva, atuando desde o beneficiamento da matéria-prima até a venda de produtos prontos, era importante, pois possibilitaria um maior controle dos processos. A mesma lógica produtivista que fez crescer fábricas e galpões, centrada na eficiência, na padronização e na extração de valor, também produziu dependência, desigualdade e desgaste ambiental. Outras características deste mercado e desta cultura, apontam para a fragilidade das relações humanas envolvidas nas questões de trabalho. A seguir, a imagem mostra a fotografia dos trabalhadores do Curtume Guilherme Ludwig, na qual é possível perceber características do modelo produtivo da época, como uso de mão de obra infantil (História.NH, 2025b), além de uma clara separação das pessoas por raça.

Essa lógica produtivista configurou uma cultura de design que naturalizou o controle local a respeito das suas práticas, a linearidade e a extração de valor como sinônimos de desenvolvimento. O mesmo processo que elevou a cidade ao status de pólo calçadista também produziu vulnerabilidade e esgotamento. A busca por padronização levou à eliminação de diferenças locais, saberes artesanais e ecossistemas materiais.

Em sentido mais amplo, o termo monocultural refere-se a sistemas ou práticas dominadas por uma única forma de vida ou pensamento, uniformes (Escobar, 2018). O design do calçado, ao longo de sua consolidação como eixo econômico da região até a década de 90 (Araujo; Schemes, 2005), reproduziu essa mesma lógica: uma cultura de projeto orientada pela homogeneização, pelo cálculo e pela rentabilidade, que pouco espaço deixou para a experimentação e a diferença. Com isso, o pólo calçadista gaúcho passou a dividir mercado produtivo com outros pólos industriais.

Figura 5 Trabalhadores do Curtume Guilherme Ludwig

Fonte História NH (2025c)

Segundo Araujo e Schemes (2005), a crise do setor coureiro-calçadista de Novo Hamburgo nos anos 1990 foi resultado de um conjunto de fatores econômicos, tecnológicos e estruturais que abalaram profundamente o modelo produtivo da região. A abertura da economia brasileira e o avanço da globalização intensificaram a concorrência internacional, especialmente com países asiáticos, como a China, capazes de produzir calçados a custos muito mais baixos. Ao mesmo tempo, a valorização do real após o Plano Real reduziu a competitividade das exportações e agravou o desequilíbrio cambial. As indústrias locais, ainda dependentes de métodos tradicionais, enfrentaram dificuldades para responder ao mercado. A isso somaram-se problemas com a qualidade do couro, greves de motoristas e fiscais, altos custos de produção e a falta de incentivos fiscais, que deterioraram ainda mais a cadeia produtiva na região. Muitas empresas migraram para o Nordeste brasileiro em busca de mão de obra mais barata e benefícios governamentais, provocando fechamento em massa de fábricas, terceirização de etapas produtivas e

aumento expressivo do desemprego. Essa combinação de fatores não apenas desestruturou a economia local, mas também expôs a fragilidade do modelo de monocultura industrial que havia sustentado o Vale dos Sinos por décadas.

As ruínas industriais do bairro revelam hoje as marcas dessa exaustão. São espaços fragmentados, onde o tempo fabril se interrompeu, mas onde outros modos de vida começam a emergir. Estes terrenos baldios e fábricas desativadas, funcionam como ecologias remanescentes, como “manchas ecológicas diferenciadas, como grandes plantações, subúrbios, complexos industriais e instalações logísticas” (Tsing, 2020, p. 178). A comparação com as plantations agrícolas ajuda a compreender o sentido de esgotamento e disciplinamento territorial que também caracteriza as cidades industriais. Em outro contexto, Escobar (2018) descreve como, na região de Tumaco, no Pacífico colombiano, “a monotonia da plantação — fileira após fileira de palmeiras a perder de vista, um deserto verde — substituiu os mundos diversos, heterogêneos e entrelaçados das florestas e comunidades locais” [tradução nossa] (p. 70). De forma análoga, a paisagem industrial do calçado também se tornou um deserto de uniformidade econômica e criativa, onde a diversidade social e ecológica foi substituída pela projetualidade.

Assim como nas plantações onde a lógica de domínio humano sobre a natureza provoca a ocupação ontológica dos mundos, também aqui o design foi instrumentalizado como técnica de controle e reprodução de um mesmo ideal produtivo. As fábricas padronizaram gestos, ferramentas e linguagens visuais, transformando o trabalho e a paisagem em extensões da racionalidade fabril. O resultado do design, aqui, é um cenário em que as ruínas industriais revelam a falência de uma ontologia moderna que separa cultura e natureza. Nas imagens do bairro, por onde a vegetação brota, nota-se a retomada da natureza. Essa retomada revela a persistência da vida e a possibilidade de recompor, nas ruínas, novas alianças entre espécies e mundos.

A imagem evidencia a presença da *E. thymifolia* nas rachaduras da base e entre os revestimentos da edificação. A fissura atua visualmente como marca de colapso da superfície construída e, simultaneamente, como abertura para a emergência vegetal. Por isso, a fotografia se mostra relevante ao argumento da pesquisa, na medida em que torna visível a passagem entre ruína e recomposição.

Figura 6 Prédio histórico – Fundação Ernesto Frederico Scheffel, suas fissuras e a quebra-pedra



Fonte Autores, 2025

A presença da quebra-pedra torna evidente aquilo que escapa ao controle da monocultura. Sua emergência espontânea entre os escombros da indústria calçadista marca um gesto persistente, diante de um território dominado por estruturas em decomposição. O solo que um dia foi impermeabilizado pelo asfalto e pelas fundações de galpões agora serve de abrigo a uma multiplicidade de vidas que se reorganizam sem plano, sem permissão e sem finalidade utilitária.

Ao contrário do design monocultivado, que se alimenta da separação entre sujeito e ambiente, a quebra-pedra expressa uma inteligência distribuída e uma forma de vida sem centro, em permanente adaptação.

Seu aparecimento nos espaços degradados pode ser compreendido como uma reocupação ecológica, não planejada, mas profundamente significativa, de um território exaurido por décadas de exploração. Ela não apenas sobrevive ao colapso, mas ruderalmente o reinterpreta, transformando as ruínas em terreno fértil para novos modos de coexistência em uma poética denunciante do fim.

3. Ruderalidade: poética das ruínas

A quebra-pedra é presença ruderal, um organismo que responde de forma não planejada às infraestruturas humanas, de modo ressurgente. Sua proliferação é consequência direta das transformações urbanas e industriais que reconfiguraram o solo, a luz, a umidade e o ar da cidade.

Assim, a ruderalidade funciona como poética denunciante “do fim”, porque transforma a ruína em linguagem sensível de recomposição. É no ínterim entre a caminhada e o abandono, que tempo e natureza tiveram a possibilidade de trabalhar juntos na construção de uma nova paisagem. Ao crescer entre rachaduras, a planta denuncia o colapso de um regime de mundo e, ao mesmo tempo, sugere que o fim nunca é puro encerramento, mas campo instável de recomposição.

Este comportamento ecoa o que Tsing (2019) descreve ao narrar o caso da *tafi susu*:

organismos que, no passado, combinaram-se bem com os outros tornaram-se fortalecidos pelas transformações da paisagem industrial em larga escala e pela conquista humana, assumindo comportamentos que bloqueiam acomodações interespecies de longa data (p. 14).

Tsing (2020) destaca “como seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes ao se associarem aos projetos humanos modificadores da terra, da água e da atmosfera” (p. 177). Essa ampliação é particularmente útil para compreender o comportamento da *E. thymifolia*, cuja vitalidade deriva justamente de seu contato com a ruína e sua aridez. Longe de ser alheia à cidade, a planta é uma consequência da prática do design industrial.

Em contraste com as narrativas de controle e remediação que moldaram o pensamento moderno, a ressurgência aponta para o retorno da habitabilidade por meio da colaboração entre espécies. Como observa Tsing (2020), “uma sustentabilidade significativa requer o ressurgimento de múltiplas espécies, isto é, a reconstrução de paisagens habitáveis através das ações de muitos organismos” (p. 225). As “ecologias habitáveis retornam”, escreve Tsing (2019, p. 226), mesmo depois de perturbações severas: “as mudas brotam nas cinzas e, com o passar do tempo, outra floresta pode crescer após a queimada”. A autora define a ressurgência como o “trabalho de muitos organismos que, negociando através de diferenças, forjam assembleias de habitabilidade multiespecies em meio às perturbações” (Tsing, 2019, p. 226).

A quebra-pedra opera no limiar da ressurgência, pois ainda abriga possibilidades de recomposição. Sua presença recorda que a vida tem a capacidade de se refazer nas condições mínimas de um ecossistema. Cada broto também é um ensaio de convivência, como uma micro assembleia de

organismos que renegociam a habitabilidade em meio às perturbações humanas.

Para Anna Tsing (2020), dar atenção à vida vegetal significou reorientar suas ferramentas de observação, desfazendo a distância analítica entre natureza e cultura. A autora descreve o esforço de voltar à materialidade das paisagens, não como representações, mas como encontros entre atividades humanas e não humanas, arquivos de interações e rastros de coexistência. Portanto, ignorar essa agência dos não humanos é reafirmar a hegemonia do design e da consciência humana.

De modo análogo, compreender a poética da ruderalidade implica atenção à *E. thymifolia* como agente desta paisagem. A quebra-pedra obriga a descentrar o olhar e reconsiderar a paisagem de Hamburgo Velho como campo ativo de recomposição. O gesto de atenção, aqui, é corresponsável e significa acompanhar os ritmos e materialidades que a planta produz. Faz isso a partir das alianças com outras espécies, seu modo de infiltrar-se entre ruínas e seu afã de ressurgência.

A *E. Thymifolia* cria arranjos vegetais para as cicatrizes do vento ao longo do tempo, sobrepujando o trabalho humano de construir e arruinar paisagens. A poética da planta se mostra através destes pequenos arranjos vegetais denunciando a ação do tempo sobre as ruínas.

Figura 7 Poética em arranjo cicatriz



Fonte Autores, 2025

Os arranjos cicatrizes costumam ser verdes (com pequenas variações para outras cores) e, como pontos de cor no cenário urbano, permeiam a paisagem arruinada. Em uma organização autopoietica (Maturana; Varela,

2001), os vegetais se reproduzem em modo contínuo a si próprios. Para além da seriação ou da cópia, a planta se reproduz a partir de uma fratura de si, que resulta em duas unidades da mesma classe. Diferentemente do que se vê com os projetos monocultores que fundaram o bairro, a inteligência dos sistemas resilientes está na distribuição da inteligência. Desta forma, atentar à vida da quebra-pedra é reconhecer que o design não é apenas sobre projetar futuros monocultivados, mas também perceber o que já está sendo manifestado pela Natureza a partir de projetos de design do passado. Essa atenção, lenta, empírica e implicada, redefine o papel do pesquisador/designer não o de quem intervém, mas o de quem acompanha, alterando a relação para além do projeto.

A planta cresce nos mesmos espaços que os humanos degradaram, nesse sentido, ela não é apenas uma testemunha do fim, mas uma parceira de sobrevivência, uma espécie que nos acompanha nas ruínas do design moderno. Essa convivência não é harmônica nem idealizada, mas marcada por negociações constantes, por trocas de energia, matéria e sentido. Ao considerar a capacidade de germinar em campo árido, a *E. thymifolia* mostra que a vida não cessa com o colapso humano, mas encontra caminhos improváveis de ressurgência.

4. Ruderalidade como crítica ao controle no design

A *Euphorbia thymifolia* oferece em sua morfologia uma crítica ao paradigma centralizador que marcou o design moderno. Diferente dos sistemas hierárquicos que caracterizam tanto a organização industrial quanto a própria ideia de autoria no design, a planta age a partir de uma lógica distribuída, descentralizada e cooperativa. Não há um órgão de comando, um cérebro que governa as decisões vitais, de forma verticalizada. Suas respostas são processadas em rede, um entrelaçamento sensorial que articula raízes, caules, folhas e microrganismos em contínua comunicação subterrânea.

A leitura de Stefano Mancuso (2019) contribui para compreender a crítica ao paradigma centralizador do design a partir da vida vegetal, especialmente no que diz respeito à inteligência distribuída e à capacidade adaptativa das plantas. No entanto, no contexto desta pesquisa, esse aporte só ganha força quando recolocado em diálogo com a presença situada da *Euphorbia thymifolia* nas ruínas de Hamburgo Velho.

Nas caminhadas de campo e nos registros realizados no bairro, a planta foi observada em frestas, rachaduras, bordas de muros e pequenas descontinuidades do construído. Sua emergência ocorre de modo disperso, em pontos mínimos de substrato, umidade e abertura material, evidenciando uma forma de crescimento que não depende de projetos e, apesar do controle, continua ressurgindo.

Seguindo esse raciocínio, o design pode inspirar-se no funcionamento das plantas para reformular sua própria estrutura cognitiva. Se a vida vegetal opera sem um centro de comando, é possível pensar o design não mais como ato de coordenação, mas como ecossistema de decisões interconectadas. A *E. thymifolia*, exemplifica esse princípio: suas raízes seguem trajetórias imprevisíveis e pouco prováveis, abrindo espaço para a cooperação e a escassez como partes constitutivas do processo.

Plantas ruderais sentem a aridez como uma oportunidade, tomam o território sem a autorização do homem, mas sob o véu de sua perturbação. A ruderalidade é a demonstração desta “inteligência” que se distribui pelo corpo vegetal e a paisagem da ruína. A planta não separa corpo e paisagem, mas colabora criativamente com o solo, com a luz, com a umidade e suas condições ecológicas. O que Mancuso (2019) chama de “inteligência distribuída” é, na verdade, uma prática de mundo possível ao design, como uma epistemologia que se atualiza a cada gesto de adaptação, em um processo de “pensar com” e “pensar como” seus parceiros interlocutores.

Nesse sentido, a inteligência vegetal oferece mais do que inspiração biológica — ela propõe um modelo ontológico. Assim como as plantas formam redes de decisão descentralizadas e interdependentes, o design pode reorganizar-se como prática coletiva e situada, enraizada em relações ecológicas e sociais. Ao observar o comportamento da quebra-pedra, percebe-se que a planta age como mediadora. Ela reconfigura o espaço sem centralidade, cria alianças invisíveis entre espécies, absorve resíduos e devolve vitalidade ao que parecia arruinado.

Os modos de vida das plantas têm, portanto, muito a oferecer ao pensamento do design. Não apenas como modelos formais ou estéticos, mas como lições éticas, comunitárias e de sobrevivência. Inspirar-se nelas é aceitar que o pensamento se dá em rede, que o tempo é múltiplo, e que criar não significa dominar, mas corresponder. A *Euphorbia thymifolia*, por fim, ensina que a reorientação ontológica do design depende do abandono a fantasia de controle e cultivo da capacidade de coexistir.

5. Considerações finais

Acompanhar a quebra-pedra tornou possível ampliar a ideia a respeito dos projetos, do design em suas relações com o tempo e de outros campos de práticas para o designer. Aprendeu-se outras possibilidades para além do projetar, ainda assim constitutivas de saberes poéticos a partir de abstrações, em correspondência com a paisagem e a ruína.

As caminhadas e registros fotográficos permitiram compreender o território para além da decadência industrial, mas como campo ativo de recomposição. Nas fissuras colapsadas, a planta revela práticas de ressurgência e de convivência multiespécie que deslocam a centralidade humana. O corpo urbano contemporâneo atua automatizado sem se dar à atenção de perceber as existências que o circundam e o afetam, mimetizando o projeto moderno em sua vida separada da natureza.

Ainda que com um contador de passos no pulso, o pesquisador/designer se aventura na paisagem como forma de descoberta de si e de seu passado. Com sorte, ele encontrará vestígios arqueológicos que instiguem o seu presente, de modo a descentralizá-lo do projeto futuro. Assim como a planta escapa na fresta do prédio, o pensamento ressurgente escapa nas fissuras da criação poética.

As ruínas industriais de Novo Hamburgo, vistas sob essa ótica, representam terreno fértil de um pensamento pós-industrial, que reconhece a correspondência como condição para emergir outros pontos de partida para o design. A fissura, antes símbolo de decadência, torna-se espaço de passagem entre mundos. A *Euphorbia thymifolia* é, nesse contexto, o testemunho de que a vida sempre encontra brechas para continuar se regenerando.

Referências

ARAÚJO, Denise Castilhos de; SCHEMES, Claudia. A crise coureiro-calçadista no Vale dos Sinos: a construção do Jornal NH. **Intercom**. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Autêntica, 2013.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.

BORRERO, Alfredo Gutiérrez. Equialtervalentes: el diseño es el otro. **La Tadeo Dearte**, v. 8, n. 10, p. 8-38, 2022.

HISTÓRIA.NH. Perfil no Instagram. Postagem no Instagram: **Mapa Novo Hamburgo**. [s.l.], 18 de jun. de 2021. Instagram: @história.nh. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CQQqTMOM0q2/?igsh=MXR0YW1vd2htcm4yMw%3D%3D>. Acesso em: 05 abr, 2025a.

HISTÓRIA.NH. Perfil no Instagram. Postagem no Instagram: “**Publicidade das empresas do grupo Adams na contracapa da Revista da Polícia de abril de 1944**” [s. l.], 07 mar. 2021.. Instagram: @historia.nh. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMHV3VJssNI/?igsh=MTd6ZWt5OXF0aDFqcA%3D%3D>. Acesso em: 07 de nov, 2025b.

HISTÓRIA.NH. [perfil @historia.nh]. Postagem no Instagram: “**Dia das Crianças**”. [s. l.], 12 out. 2024. Instagram: @historia.nh. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBBNpF4xXsi/?img_index=5. Acesso em: 07 nov, 2025c.

INGOLD, Tim. **Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. *On human correspondence*. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 23, n. 1, p. 9-27, 2017.

LONDOÑO, Felipe César; ALZATE, Adriana. **Diseño, arte, ciencia: perspectivas transdisciplinares en ámbitos de la formación doctoral**. Bogotá, Colombia. 2022.

LONDOÑO LÓPEZ, Felipe César; GUTIÉRREZ BORRERO, Alfredo. **Diseño, arte y ciencia: entrelazamientos generativos doctorales desde contextos latinoamericanos**. Bogotá: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2023.

MALI, Prashant Y.; PANCHAL, Shital S. *A review on phyto-pharmacological potentials of Euphorbia thymifolia L.* **Ancient Science of Life**, v. 32, n. 3, p. 165-172, 2013.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MAROJA, Thayana Evangelista et al. Dados preliminares de síndromes de polinização e dispersão da flora herbácea em praças do bairro Tambiá da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 4, 2018.

MARQUES DA SILVA, O.L.. Estudo taxonômico de Euphorbia L. (Euphorbiaceae) do Estado de Pernambuco. Dissertação de Mestrado, UFPE. 2014.

MATURANA, Humberto R.; VARELLA, Francisco J.. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

ROSS, Morten. *Euphorbia thymifolia*. Blog “Pantanal Plant 21”. 15 Nov. 2013. Disponível em: [https://www.ross.no/2013/11/15/pantanal-plant-21]. Acesso em: 1 nov. 2025.

SÁTIRO, L. N. et al.. A família Euphorbiaceae nas caatingas arenosas do médio São Francisco, Bahia, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 22(1), 240-255, 2008.

SCHEMES, Claudia. Pedro Adams Filho: trajetória de um industrial teuto-brasileiro. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 30 – e2022009 – 2022.

SIMMEL, Georg. **Uma ruína**. Simmel e a modernidade. Brasília: UnB, pág. 137-144, 1998.

TSING, Anna et al. (org.). **Feral Atlas: The More-than-Human Anthropocene**. Stanford: Stanford University Press, 2020. Disponível em: feralatlas.org.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WIKISPECIES. *Euphorbia thymifolia*. Disponível em: https://species.wikimedia.org/wiki/Euphorbia_thymifolia. Acesso em: 1 nov. 2025.

Recebido: 15/01/2026

Aceito: 22/04/2026

Publicado: 13/07/2026

Editoras-Chefe:

 Barbara Necyk

 Carolina Noury

© Copyrights Daniel Geveher Keller; Claudia Schemes; Alfredo Gutiérrez Borrero.

A revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0.

Não Adaptada.



Participação da autoria:

Daniel Geveher Keller: conceituação, investigação, manuscrito original.

Claudia Schemes: supervisão, redação – revisão e edição.

Alfredo Gutiérrez Borrero: conceituação, supervisão.

Fonte de Financiamento:

Agência de Fomento: PROSUC/CAPES

Conflito de Interesse:

Declaramos não haver conflitos de interesse.